O MAR MISTURADO AO SOL

Antonio Carlos Fester

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

miolo-omarmisturadoaosol.indd 3 2021-05-23 16:22:00

"Foi reencontrada!
— Que?— a Eternidade.
É o mar misturado
Ao sol."

Jean Arthur Rimbaud
(*Uma temporada no inferno*, tradução de Ledo Ivo)

A origem do mundo

"Redescobrir o sal que está na própria pele,
macia
Redescobrir o doce no lamber das línguas,
macias
Redescobrir o gosto e o sabor da festa,
magia."

Redescobrir, letra de Luiz Gonzaga Júnior, 1980

Desci do trem com o casacão vestido. Carregava minha mala, meus vinte anos, a máquina fotográfica pendurada ao ombro, o cachecol cobrindo minha boca, protegendo-me do frio e da neblina. Pus-me a subir a ladeira íngreme, de pedras irregulares e lisas, ora escorregando e chegando até a suar pela duração do percurso e pelo peso da bagagem.

Subo a ladeira nesta viagem iniciática ao encontro de mim mesmo, a primeira vez que viajo só. O silêncio é tanto que se faz ruído. Mas há grilos, o coaxar de sapos e casas que estalam na noite perfumada por plantas e por fogões a lenha mal adormecidos.

miolo-omarmisturadoaosol.indd 11 2021-05-23 16:22:00

Senti o cheiro e mais ouvi do que vi o ruminar de um cavalo próximo. No meio da neblina, a revelação. De repente, à minha esquerda, um poste com uma luz muito fraca, o cavalo, e aquele braço erguido, a mão direita apontando para o céu, para a lua que toca meu coração e cala minha surpresa. Um sonho de infância, realizado. À vista da propaganda médica prometi-me conhecê-los. Mas esquecera-me de que estavam naquela cidade em que mal chegara, descendo do trem à procura do hotel.

Mostrando o quê? Apontando para a lua? Acusando? O braço direito de Abdias ergue-se para o céu. À sua esquerda, está Amós e, um pouco atrás, Jonas e sua baleia. Deixo a mala no meio da rua e adentro ao adro para melhor vê-los. Sou puro espanto. De costa para Isaias, está Daniel com o leão. Para mim, Daniel é o mais bonito e parece olhar para Oséias, que também dá as costas a Joel. Na extremidade, Naum, e Habacuc, com o braço esquerdo, também indica o céu. Ao descer as escadas, que subi correndo, vejo, de fato, Baruc e Ezequiel; Isaías e Jeremias.

Subo e desço mais de uma vez, sem acreditar na beleza à minha frente, grato pela surpresa que a noite, a neblina e a vida me deram. Pois a neblina continua forte, densa. É preciso caminhar para vê-los. Quando passo por um, a neblina já envolveu outro. Aparecem e desaparecem.

Só na manhã seguinte é que os vejo a todos, os profetas de pedra-sabão de Congonhas do Campo. Um senhor

miolo-omarmisturadoaosol.indd 12 2021-05-23 16:22:00

de meia-idade, acompanhado de sua mulher, me explicou, no adro, que os profetas são os pedestais da Igreja, prefiguração das colunas que são os apóstolos. São os arautos de Deus e os do Aleijadinho, perante o céu azul, imprecam contra os governantes e pecadores, efetuando um bailado de pedra. Os textos que portam referem-se mais às biografias dos próprios profetas, não constituem citações bíblicas, mas muito menos são influência da conjuração mineira como quer uma autora fantasiosa que pouco entende de Bíblia e de religião. Dizem que os profetas são barrocos, mas há algo de gótico neles, algo dos profetas que ornam as portadas das catedrais europeias.

Depois que o casal se foi, lembrei-me da figura de Ezequiel num dos cartões que conservo até hoje, presente da prima Jandyra, médica, propaganda de Dectancil, "o mais ativo e o mais potente corticosteroide anti inflamatório e antialérgico". Cartões dos laboratórios Silva Araújo--Roussel AS. Na verdade, nove cartões, apenas dois com profetas, Naum o outro.

Naquela manhã ensolarada e com a conivência de um guarda inconsequente e paternal, entrei nas seis capelas da Paixão, apalpando as figuras, tocando-as com carinho. Na mesma capela, dois dos meus cartões. O magnífico Cristo do horto, parecendo dizer afasta de mim este cálice, e Tiago adormecido, a madeixa caída sobre o braço que

miolo-omarmisturadoaosol.indd 13 2021-05-23 16:22:00

sustenta a cabeça. Tiago e não Jesus, como informa equivocadamente a minha propaganda de Suacyl B 12, indicado para estados depressivos e ansiosos, fadiga intelectual, melancolia e esgotamento nervoso. Mas é o Cristo preso à coluna, que eu não conhecia sequer por cartão, o que mais me marcará. A respeito destes Cristos, Germain Bazin escreveu que "Deus revela-se homem nessa queixa que a boca exala e nesses olhos perturbados de Jesus coroado de espinhos, mais profundamente ainda no rosto viscoso do sangue do Cristo carregando a cruz, uma das mais comoventes figuras da arte cristã".

No livro O Aleijadinho, de Bazin, uma das dedicatórias mais lindas que já me escreveram: "Nosso entendimento vem do que há de melhor em nós e, por isso, atemporal. A certeza de que poderemos continuar a dizer eu a você e você a mim, sempre com a mesma ternura, 'Feliz Natal', é que me deixa lhe dizer simplesmente hoje: um Feliz Natal a você. Anna". Anna, uma das maiores delicadezas de coração, de sentimentos, que já conheci. O livro é datado de 1977. Releio estas linhas em julho de 2016 e Anna está em coma há cinco anos.

Mas na manhã epifânica em que conheci a via-crúcis do santuário de Bom Jesus dos Matosinhos, ainda não conhecia Anna, Bazin não tinha sido editado no Brasil e eu tinha apenas vinte anos.

Foi também embasbacado que vi Jonas sendo atirado ao mar, no baixo-relevo do púlpito do Evangelho, à direita

miolo-omarmisturadoaosol.indd 14 2021-05-23 16:22:00

do altar-mor de São Francisco de Ouro Preto, dias depois. Jonas, desde criança, narrado por minhas avós, me encantou pela sua história de homem engolido pela baleia e continua me significando muito pela prefiguração da Ressurreição, fundamento da fé cristã. Em Congonhas, Jonas com sua baleia engraçada; em Ouro Preto, sendo atirado ao mar.

— Bonito, não?

Uma mulher me dirigia a palavra. Uma moça, uma jovem como eu, de dentes grandes e com um ar solar. Uma mulher simpática e sorridente, de lábios carnudos, fruta madura pedindo beijos, lábios naturalmente vermelhos, entreabertos. Uma mulher com o cabelo caindo pela testa, baixa, de quadris largos e bustos fartos. Uma mulher com um timbre de voz especial, uma voz nasalada, única. Uma mulher que disse chamar-se Solange. Uma mulher me dirigira a palavra e saímos da igreja já amigos.

Solange apresentou-me a uma amiga, Yeda, que se recusara a entrar na igreja porque temia pisar nos defuntos sob o assoalho e, em seu carro, fomos os três pegar minha bagagem no hotel para sairmos da cidade.

Solange vive gabando minha memória. Escrevo o pouco que me resta e mais invento do que recordo. Esqueci o nome do hotel no qual me hospedei, tantas vezes e com outras mulheres, em Ouro Preto. Um hotel na esquina da praça Tiradentes com a rua na qual Gonzaga morou, um

miolo-omarmisturadoaosol.indd 15 2021-05-23 16:22:00

prédio depois incendiado e que prometem reconstruir idêntico. Na volta da viagem, fiz um álbum de fotos, fotos da primeira viagem que fiz sozinho, Juiz de Fora, Barbacena, Congonhas, Ouro Preto, Mariana, Belô, Sabará. Escrevi sob cada uma delas e fui procurá-las, agora. Não as encontrei, não sei mais onde as guardei. Já as propagandas dos laboratórios Silva Araújo, achei-as por acaso ao abrir o livro de Bazin para confirmar a disposição dos profetas no átrio. Memórias, acaso, descaso, desmemoria.

Na catedral de Mariana, Solange acendeu uma vela do tamanho de um menino de quatro anos, pelo sobrinho que aniversariava. Não penso em Mariana sem lembrar da visita de Mário de Andrade a Alphonsus de Guimarães, visita imortalizada por Drummond: "É tudo igual? É tudo sem remédio? Em algum ponto, pousa a memória que nunca se diluirá". Yeda fotografou-nos na Pampulha, num outro prédio de Niemeyer, eu quase imberbe. Da capital mineira, seguiram para a gruta de Maquiné e Brasília; eu voltei para casa.

Em São Paulo, se a nossa convivência não se tornou diária, os telefonemas sim. Nossas famílias aproximaram-se. Passeios, cinemas, teatros e muita risada. Solange era secretária trilíngue numa multinacional e, como boa descendente de espanhóis, brava.

Ela me percebia e isto era bom. Depressa aprendeu a arrumar meu prato, o feijão separado, pelo arroz, dos

miolo-omarmisturadoaosol.indd 16 2021-05-23 16:22:00

Sobre o autor

Antonio Carlos Ribeiro **Fester** é mestre em Letras pela USP (1985), com dissertação sobre o teatro de Abílio Pereira de Almeida, orientado pelo Prof. Décio de Almeida Prado.

Foi bolsista do Curso Interdisciplinar do Instituto Interamericano de Direitos Humanos, na Costa Rica (1988), e cursou a Escola de Governo, em São Paulo (2.000).

Membro da UBE — União Brasileira de Escritores, integrou sua diretoria em diversas gestões, bem como a da CJPSP — Comissão Justiça e Paz de São Paulo.

Tesoureiro municipal da capital paulista, por concurso público (1966), aposentou-se em 1995. Entre outras atividades, lecionou Literatura nas Faculdades Metropolitanas Unidas (1978-1987).

Integrou, pela CJPSP, a coordenação do Projeto Educação em Direitos Humanos na Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de São Paulo, entre l989 e 1992, e em Curitiba, pela Secretaria do Estado da Justiça e da Cidadania do Paraná, entre 1990 e 1994. Ministrou cursos de Direitos Humanos na PUCSP e no Instituto Sedes Sapientiae.

Fez e faz palestras sobre Direitos Humanos, sobre Literatura e ou Educação ou ainda sobre outros temas afins, em diversas cidades do Brasil.

miolo-omarmisturadoaosol.indd 251 2021-05-23 16:22:07

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em abril de 2021.